

Arendt e a Educação em uma “Sociedade de Massa”ⁱ

Sônia Maria Schioⁱⁱ

Resumo: Partindo de situações de salas de aula, assim como daquelas surgidas na prática educativa em geral, busca-se, no pensamento de Hannah Arendt (1906-1975), compreender o contexto em que se insere a temática da *educação* em uma *sociedade de massa*. Essa sociedade não valoriza o ser humano e a cultura por ele produzida, pois apenas consome. O *humanismo* pode ser um conceito a ser resgatado pela *escola*, permitindo o surgimento da autêntica cidadania e do convívio humano pleno e digno.

Em todos os tempos e sociedades a questão da educação se faz presente, como o demonstra W. Jaeger na obra *Paidéia*, por exemplo. É, então, importante aos filósofos refletirem sobre os problemas que nela surgem, e pensarem em soluções, pois a educação é fundamental ao ser humano. Nesse sentido, Hannah Arendt (1906-1975), ao tratar da política, também tangenciou as questões relativas à educação. E o fez sob diversas perspectivas: da natalidade, da responsabilidade pelo mundo, e ainda relacionada à questão da cultura na “sociedade de massa”. Pelo momento atual, em especial pelas questões que os professores têm se colocado, e exposto em suas conversas, pode-se afirmar que Arendt fornece importantes argumentos que podem explicitar o contexto, e espera-se, apontar alguns “caminhos”, que se não indicam soluções imediatas, são, porém, necessários ao “fazer pedagógico”.

Arendt escreveu um artigo pequeno, mas denso, sobre a “Crise na Educação” (1992, p. 221-247), no qual, resumidamente se pode dizer que ela expõe os problemas mais fundamentais da educação e indica alguns procedimentos essenciais: é preciso educar e também ensinar. O educar comporta passar para aqueles que chegam “novos ao mundo”, as crianças e os jovens, as regras, os hábitos, os comportamentos comuns e esperados deles no decorrer da vida, e imprescindíveis para a ação e para o convívio em uma comunidade humana. O “ensinar” refere-se os conteúdos do passado: a linguagem, a história, as descobertas, enfim, o conhecimento, a “tradição”, como ela chama, oriunda do passado, que permite que eles compreendam o mundo em que vivem, que possam se inserir nele e saber tanto o que os precedeu quanto os “exemplos” para os guiar no agir. Nesse sentido, os pais e professores possuem uma dupla responsabilidade com relação a essas crianças e jovens:

responsabilidade para prepará-los para o mundo público e político em que se inserirão, e também responsabilidade pelo próprio mundo, pela sua continuidade. E tais questões não são nem irrisórias, sequer fora do contexto atual (Arendt escreveu esse texto em torno de 1968): a questão ecológica, por exemplo, fundamental à sobrevivência do planeta, aponta para a relevância da problemática, assim como a urgência de soluções.

Nesta perspectiva é preciso abordar os principais conceitos de forma didática, para que fiquem explicitados e relacionados com as questões propostas:

I) a “responsabilidade”

Os pais, ou quem os substitui, são os responsáveis pelo cuidado das crianças, em sentido amplo: higiene, alimentação, hábitos básicos, e pelo mundo, tendo em vista que utilizaram a própria liberdade para trazerem esses seres ao mundo, ou por tê-los sob sua guarda. Os professores, por seu turno, possuem responsabilidade pelo educando, sua formação e instrução, e pelo mundo. Por isso devem estar preparados, em nível de conteúdos, de didática e de metodologias pedagógicas, tendo por isso “autoridade”ⁱⁱⁱ. A autoridade que os professores, e também os pais possuem, não se confunde com “autoritarismo”. No autoritarismo há violência, coação, ausência de diálogo, penalidades. A autoridade legítima, segundo Arendt, baseia-se na responsabilidade, no saber, e no respeito à hierarquia da escola, no caso dos professores. A autoridade, na família ou congênera, funda-se nas necessidades biológicas de cada um, na hierarquia e na responsabilidade pela criança e pelo jovem, assim como pela preservação do mundo, que os adultos têm. Ambas, a escola e a família, pertencem à esfera pré-política, na qual há o cuidado, o amparo, a proteção e a preparação dos “novos seres” para o mundo público.

Entretanto, há uma questão que parece ter se tornado mais premente, pois tem sido assunto frequente em conversas entre os professores de todas as séries, níveis e disciplinas: o desinteresse demonstrado pelos alunos pela vida escolar, pelo conteúdo, pela presença do professor. O tema que se coloca tem sido assim exposto: “o que está acontecendo com os alunos? O que eu posso ou devo fazer? Há alguém ou algo que possa me auxiliar?” A Filosofia, em sua tarefa de refletir sobre os temas humanos, e seus filósofos, pensa a vida humana em sua totalidade, e a educação é um elemento indispensável para que a vida

humana seja plena e digna. Com a atual situação de sala de aula, em especial, não ocorre o “viver bem”, sequer a dignidade ou a humanidade.

A partir dessa perspectiva, em um artigo escrito ainda na Alemanha de 1932, Arendt pensava, pois experienciava, a sociedade alemã pré-Nazista. E ela estava bem acompanhada: havia, desde o final do séc. XIX, vários pensadores e literatos (Walter Benjamin, Robert Musil, Franz Kafka, entre outros), que perceberam a situação em voga: a “sociedade de massa”, a burocracia e a mentira política, em especial. Nesse contexto, ela fez afirmações “duras”. Por exemplo: “Crer que tal sociedade [de massa] há de se tornar mais ‘cultivada’ com o correr do tempo e com a obra da educação constitui, penso eu, um fatal engano” (Arendt, 1992a, p. 264). E isso porque essa sociedade “não sabe cuidar” das coisas do mundo. Na sociedade de massa não há a preocupação com o mundo, com os seres humanos singulares e irrepetíveis, com a cultura, pois a atitude de utilidade e de consumo leva os objetos, e até as pessoas, a serem consumidos de forma desenfreada.

II) a “sociedade de massa”

Para quem vive em uma sociedade de massa, ela parece ser a única possibilidade de ser e de existir. Sem demorar-se em sua origem histórica, pode-se afirmar que o desenvolvimento da sociedade capitalista e manufatureira tornou o trabalho uma medida de aptidão do humano, que passou a valorizar tudo a partir da “utilidade”. Nesse sentido, é preciso entender essa sociedade, suas características, seus valores (o que ela valoriza e o que ela despreza), para compreender seu contexto e poder “olhar”, com a ajuda do passado, do pensamento e do julgamento, as novas possibilidades de agir e reagir em situações importantes como a de sala de aula, momento em que tais características se corporificam nas atitudes e demandas dos alunos.

A “sociedade de massa” surgiu no início do século XX, como desdobramento ou decorrência da “sociedade burguesa”. Ela compõe-se de homens solitários (Cf. Arendt, 1992a, p. 250), individualistas, que se isolam enquanto seres humanos, isto é, eles não mantêm ligações com os outros que não sejam interessadas, profissionalmente, por exemplo. Por outro lado, estes mesmos indivíduos estão “colados” uns aos outros, em nível social, sem espaço (físico, externo, assim como interno) para desenvolver uma identidade

própria, para atuar de uma maneira pessoal, espontânea, e por isso são chamados de “massa”^{iv}. O humano massificado é caracterizado por Arendt pela sua “adaptabilidade, sua excitabilidade e falta de padrões, sua capacidade de consumo aliada à inaptidão para julgar ou mesmo para distinguir, e, sobretudo, seu egocentrismo e a fatídica alienação do mundo” (Arendt, 1992a, p. 251). Dessa forma, ele consome os objetos como se eles fossem bens não-duráveis, que perecerão se não forem “aproveitados” em um breve espaço de tempo. Isto é, como se eles pertencessem ao ciclo biológico, ao “labor” na terminologia arendtiana, como um “pão”, por exemplo.^v

Como há uma “sobra” de tempo entre o produzir e o consumir o necessário para viver, ele passa a precisar “de diversão, e os produtos oferecidos pela indústria de diversões são, com efeito, consumidos pela sociedade exatamente como quaisquer outros bens de consumo” (Idem, 1992a, p. 257). Assim sendo, os objetos culturais são usados para “passar o tempo, e o tempo vago que é ‘matado’ não é o tempo de lazer (...), ele é antes um tempo de sobra, que sobrou depois que o trabalho e o sono receberam seu quinhão” (Ibidem, 1992a, p. 258), afirmou Arendt. Desta forma, o divertimento, junto ao trabalho, ao sono, à alimentação, serve ao ciclo biológico, e os produtos que os satisfazem desaparecem nesse processo.

Na sociedade de massa, que consome constantemente, que “devora” os objetos, há uma necessidade sempre renovada de produtos para satisfazer as crescentes necessidades humanas de massa. No afã de produzir para o entretenimento, aqueles que se ocupam disso, “os meios de comunicação de massa [por exemplo,] esgravatam toda a gama de cultura passada e presente na ânsia de encontrar um material aproveitável” (Ib., 1992a, p. 259), entende ela. Ao modificar os objetos culturais para o consumo, eles não são destruídos, mas “o resultado não é a desintegração, mas o empobrecimento”, e isso ameaça a cultura (Ib. 1992a, p. 260, e também nas p. 251 e 259), ainda segundo ela. O preparo dos objetos culturais para a “sedução” da massa a adquiri-los, ou a usufruir deles de alguma forma, obriga os produtores a modificá-los, a adaptá-los às preferências dos consumidores. Altera-se, assim, a “natureza” dos objetos culturais.^{vi}

III) a cultura e a diversão

A cultura, nessa sociedade, perde o próprio significado e também não educa. Isto é, ela não torna alguém mais culto ou refinado, pois o sentido, a mensagem que seus objetos portavam não é mais transmitida ao serem utilizados para “passar o tempo”, “para divertir”. Eles são, assim, desviados para um objetivo imediato e utilitário, de satisfação básica, e não como meio de informação, de reflexão, de crítica ou de deleite, como deveriam sê-lo. Na sociedade de massa, esses “momentos” de dedicação à contemplação, à quietude, são entendidos como “perda de tempo”, sem valor, pois não são tidos como “aproveitar a vida”, causando “sofrimento” quando de sua ocorrência, ao exigirem introspecção, silêncio, por exemplo, e acabam por não receber o espaço e o tempo que precisam para acontecer de modo autêntico.

Além disso, os objetos culturais perdem a sua característica de durabilidade ao serem apresentados ao indivíduo uma única vez e considerados como suficientemente vistos e apreciados. A repetição é concebida como desnecessária e enfadonha. Nesse sentido, eles não carregam mais a mensagem que seus autores lhe atribuíram (seja ela qual for), pois não há tempo ou interesse neste tipo de averiguação. E também eles não testemunham mais o passado, pois não transmitem qualquer mensagem, pois eles foram alterados. Se houver demora neles, haverá tédio, desgosto por parecer desnecessário: nenhum detalhe é importante, pois tudo precisa ficar explícito e ser agradável no momento em que “está aí”, devendo “aprazer” imediatamente, como uma guloseima, algo que desaparece após ser aproveitado, pois cumpriu seu papel.

A diversão, então, é como o labor: vital para a manutenção do ser humano, e serve para “passar o tempo”. Porém, a diversão não é o mesmo que o lazer. O lazer^{vii} é o tempo que resta após a atividade vital, o qual é ocupado com o mundo e com a cultura. Ele é uma espécie de “hiato” na vida humana, um tempo para viver as experiências não ligadas às preocupações cotidianas, com a sobrevivência, o trabalho, a utilidade. O “lazer” é algo que apenas o ser humano pode experimentar: uma peça teatral, um passeio ao museu, um baile de carnaval, uma conversa tranquila e sobre assuntos de interesse comum, para citar alguns exemplos. A diversão, por sua vez, é o tempo vago que é “matado”. Reiterando: ele é um

tempo que “sobrou” entre o labor e o trabalho, e que precisa ser “gasto” de alguma forma fácil e rápida.

O entretenimento é uma espécie de “resto” entre o trabalho e o sono, isto é, ele pertence ao processo biológico, e é repetitivo como ele.^{viii} Para Arendt, “a vida biológica constitui sempre, seja trabalhando ou em repouso, seja empenhada no consumo ou na recepção passiva do divertimento, um metabolismo que se alimenta de coisas devorando-as” (Arendt, 1992a, p. 258). E isso não é o mesmo que a “distribuição em massa”, na qual os livros e os quadros, por exemplo, são reproduzidos e vendidos a baixo preço, pois neste processo as obras originais não são alteradas. A cultura fica afetada quando os objetos “são modificados – reescritos, consumidos (*digested*), reduzidos a *kitsch* [lixo] na reprodução ou adaptação para o cinema [por exemplo]. Isso não significa que a cultura se difunda para as massas, mas que a cultura é destruída para produzir entretenimento”, entende a autora (Idem, 1992a, p. 260). E isso ocorre porque se eles não forem diversificados, eles tornam-se enfadonhos e são abandonados. A indústria da diversão precisa, então, colocar a disposição, no mercado consumidor, produtos atraentes e diversificados. Para tanto, revira a cultura e a modifica para torná-la “interessante” (Cfe. Arendt, 1992a, p. 259-260).

O “uso” da cultura para educar-se ou para entreter-se, a ameaçam, pois ela perde o seu estatuto de testemunho do passado humano e de algo que transcende as possíveis necessidades ou funções da vida cotidiana e passageira. As obras da cultura, a arte inclusa, perduram por possuir alguma forma de “beleza”. Para usufruir dessa, “a sociedade começou a monopolizar a ‘cultura’ em função de seus objetivos próprios, tais como posição social e status” (Arendt, 1992a, p. 254), para o “seleto grupo”, e como “diversão” para o restante da população, motivo pelo qual é difícil a percepção dessa situação para quem a vivencia.

IV) a educação

Exposta a moldura do contexto atual, cabe perguntar para as soluções que Arendt aponta em seus escritos. Retomando a obra escrita em 1932, *A tradição oculta*, na qual ela escreve que “a educação não traz nada ao homem que ele não possa extrair de si mesmo (...), pois ela nada mais faz do que levá-lo ao cumprimento de algo que já estava nele” (Arendt, 1996, p. 14)^{ix}. Pode-se entender que o que o ser humano porta, e que é comum a

todos, é a racionalidade. Quando o aluno passa a vivenciar o seu pertencimento, enquanto corpo e mente, em um espaço compartilhado com outros seres iguais a ele, ele experiencia a própria história, podendo fazer evoluir sua razão até a obtenção de autonomia, entendendo-se essa como ocorrendo quando o educando passa a pensar por ele mesmo, julgando, decidindo e agindo por si próprio. Ser autônomo significa comandar a si mesmo por meio do uso da razão, que gerencia o ser a partir não dos instintos, das emoções interiores, sequer dos regramentos oriundos do exterior, da mídia, do grupo de amigos, por exemplo.

Se essa aceção parecer ultrapassada devido ao retorno que faz ao Iluminismo, à Kant e Schiller, em especial, parecendo obliterar ou contornar o pensamento de Hegel, de Nietzsche, da Escola de Frankfurt, pode-se afirmar que Arendt encontrou em todas essas concepções a mesma razão, a racionalidade humana. O motivo que a fez retornar ao Iluminismo foi porque nele ela percebeu traços, características essenciais, que precisam ser retomadas, em especial o *humanismo*, tendo como exemplo Lessing^x. A principal característica do humanismo, segundo Arendt, é a *amizade*, que leva os seres humanos ao diálogo, à busca de entendimento, com a possibilidade de um acordo, um consenso porque, pelo amigo, pelos laços que os unem, ocorre a aceitação de outros pontos de vista, flexibilizando as próprias opiniões, e ouvindo, com atenção, outras idéias.

Ao humanista, ao amigo, torna-se possível vivenciar a liberdade: a liberdade de pensar por si mesmo, mas também de colocar-se no lugar do outro, de buscar entender a posição do outro.^{xi} Assim, Arendt mostra a possibilidade do ser humano reaproximar-se de si mesmo, de seu interior por meio do pensar coerente consigo mesmo,^{xii} assim como com os outros, pelo julgar que leva o ponto de vista do outro em consideração, tornando o mundo mais humano. No encontro dos seres, surge a política, e eles podem se tornar cidadãos. A razão, então, leva ao reconhecimento da cidadania (Cfe. Arendt, 1996, p. 24), ao co-pertencimento no mesmo mundo a partir da ocupação do mesmo espaço físico, chamado por ela de mundo público, e pela igualdade nos interesses comuns, partilhados por serem humanos.

À educação cabe oportunizar o encontro entre os “novos seres”, a inserção (Cfe. idem, 1996, p. 144) deles na cultura e no mundo em que chegaram como “novatos”, mas por meio de uma sensibilidade que não prioriza o corpo apenas, mas o corpo em um espaço

compartilhado e que comporta a razão, igual àquela dos “amigos”, e “ensaiar”, “trabalhar” uma outra relação com o tempo, com o espaço. A escola precisa permitir que o aluno perceba a necessidade da distância, da quietude, que deixa o objeto, seja de arte, de conteúdo, de fatos cotidianos, não ser apenas lido, mas entendido como um “algo” que causa sensações, sejam essas expressas em reações físicas, como em um “arrepio”, sejam em forma de entusiasmo ou de revolta. Enfim, deve ser possível o exercício, tanto para o educador quanto aos educandos, da conversa, da visão, da audição, assim como dos outros sentidos, sempre unidos à razão, à memória, à imaginação, ocasionando um espaço de abertura para a paciência, a calma, o respeito, e assim, à possibilidade de geração de um outro “espaço”, qual seja, o de um mundo autenticamente humano.

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- _____. *Homens em tempos sombrios*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- _____. “A crise na educação”. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Nova Perspectiva, 1992.
- _____. “A crise na cultura: sua importância social e política”. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Nova Perspectiva, 1992a.
- _____. “O que é autoridade?”. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Nova Perspectiva, 1992b.
- _____. *La tradidion cachée*, Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1996.
- JAEGER, Werner. *Paidéia – a formação do homem grego*, São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. (Trad. Valério Rohden e António Marques) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- Outras obras citadas:
- ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. *A dialética do Esclarecimento*. RJ: Jorge Zahar Ed, 1985.
- BOYANCÉ, Pierre. *Études sur l'humanisme cicéronian*, Bruxelles: Latomus, 1970.
- CÍCERO. Des biens et des maux, *Les Stoïciens*, Paris: Gallimard, 2004.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. (Trad. Paulo Meneses), Petrópolis: Vozes/USF, 2002.
- KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: que é o Iluminismo?”. *A paz perpétua e outros opúsculos*. (Trad. Artur Morão) Lisboa: Edições 70, 1988.
- LESSING, G. E. *L'éducation du genre humain*, Paris: Aubier/Montaigne, 1946.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia* (ou helenismo e pessimismo), São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SCHILLER, Friedrich. *A Educação Estética do Homem*, São Paulo: Iluminuras, 2002.

ⁱ Este texto foi apresentado em maio de 2007 no VII Simpósio Sul-Brasileiro sobre o Ensino de Filosofia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

ⁱⁱ Professora da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Brasil - soniaschio@hotmail.com.

ⁱⁱⁱ Este conteúdo é abordado no texto sobre “A crise na educação” (1992, p. 221-247) e também em “O que é autoridade?” (1992b, p.127-187).

^{iv} Um modelo desta situação pode ser encontrado nas comemorações nazistas: por um lado, o povo aglomerado, indiscernível; por outro, os soldados uniformizados e marchando cadenciadamente, como um organismo único. Ou, mais próximo, a propaganda de automóveis, a qual, para convencer o comprador diz que ele é “o mais vendido, o mais querido, o melhor do ano”, mas terá um “toque pessoal” de seu proprietário com um determinado acessório. Ou seja, o “certo” é “cair na vala comum”, mas o proprietário vai se distinguir por um “detalhe” que milhares de outros proprietários também poderão adquirir!

^v Na obra *A Condição Humana* (por exemplo, nas p. 146-147), Arendt desenvolve a idéia de que o labor é a atividade que possui mais dignidade na sociedade que surgiu após o advento da Modernidade. Esta sociedade tem se transformado em uma “sociedade de massa” que vive como no labor: consome e desgasta. Preocupa-se com produzir para consumir, e isto é repetitivo. Como o labor não usa as coisas, os objetos, aquilo que é produzido é consumido, seja um pão, uma roupa, um carro ou até o corpo do outro, sexualmente entendido. Não há durabilidade. Porém, com o uso de instrumentos e de ferramentas, a sociedade não se transforma no sentido de modificar o seu fundamento, isto é, de ter o labor como “pedra angular”. O labor é básico, pois satisfaz as necessidades fisiológicas, e essas são indiscutíveis, e, por enquanto não elimináveis. Nessa perspectiva, a automação possui a forma de labor: o processo, a repetição, com a possibilidade de diminuição das horas de trabalho. Com isso surge a pergunta: O que fazer com o tempo restante, vago? Consumi-lo é o que uma sociedade de massa “sabe” fazer.

Assim sendo, se o sonho for o de libertar o homem do “castigo” que pode tornar-se o trabalho, a máquina pode (talvez) ajudá-lo. Entretanto, a necessidade (obrigatória) do labor, da sobrevivência orgânica continua a existir. Mas, o que fazer se não houver mais a necessidade de trabalhar, de produzir as coisas? O que se fará em uma sociedade que mede o valor das pessoas pela utilidade de seu “fazer” se esse não mais existir?

^{vi} Um exemplo de adequação da cultura para o consumo pode ser facilmente percebido nas telenovelas brasileiras, nas quais os textos originais são “adaptados” para a televisão.

Com relação aos objetos culturais, Arendt os define como as “coisas tangíveis – livros e pinturas, estátuas, edifícios e música” que os seres humanos elaboram no decorrer de suas vidas (Arendt, 1992a, p. 254).

^{vii} O lazer de que trata Arendt relaciona-se com o *ócio* romano, e oposto ao *negócio*, a negação do ócio por carecer de atividade física e de preocupação.

^{viii} Os jogos, em sua diversidade, são repetitivos como as necessidades da vida: sempre podem recomeçar como se nunca tivessem sido jogados, ganhos ou perdidos. As músicas que reproduzem constantemente poucas frases também funcionam como uma máquina, por exemplo, que funciona, ela também, com a repetição do ciclo vital, sem modificações ou interrupções que levem a qualquer alteração qualitativa.

^{ix} “La éducation n’apporte rien à l’homme qu’il n’eût pu tirer de lui-même (...), elle ne fait que l’amener à cet accomplissement qui, em réalité, était déjà em lui”. Essa concepção está presente em Lessing (*L’éducation du genre humain*).

^x Segundo Arendt, para Lessing, a razão é “un instrument au service de la découverte de l’humain” (ARENDR, 1996, p. 19). Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) foi um literato alemão e judeu convertido ao luteranismo, que precedeu, ou iniciou o Iluminismo que foi difundido por I. Kant através do texto: *Resposta à pergunta: que é o Iluminismo?*; o *Aufklärung* também denominado de “Esclarecimento”. Pode-se afirmar, também, que Arendt, pelos fins políticos de seu pensamento, retomou também Cícero (2004, livro III, XIX, 162 e XX, 65), importante figura romana. Cícero pensa o “homem na cidade” (Cfe. P. BOYANCÉ, 1970, p. 7).

^{xi} Cfe. Arendt, 1996, 20-21; Arendt, 1992: 274-276 e *Crítica da Faculdade de Julgar*, § 40, na terceira máxima, a do “entendimento humano saudável”, que é a da “mentalidade alargada”, isto é daquela que permite a qualquer ser humano, mesmo que imaginativamente, colocar-se no lugar do outro, e julgar.

^{xii} Esta concepção foi extraída de Kant, na obra *Crítica da faculdade do juízo*, § 40, sendo a primeira máxima do “entendimento humano são (ou saudável)”.